

Línguas minoritárias

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

(e ameaçadas)

da Europa

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ é professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, jornalista, tradutor e autor de, entre outros, *Descubra a Lingüística* (Nacional) e *A Sombra do Quarto Crescente* (Hucitec).



Quando mal começamos a engatinhar sobre a longa estrada do terceiro milênio, segundo a contagem ocidental, a rápida evolução nos transportes, na eletrônica e nas comunicações coloca na ordem do dia das discussões pluridisciplinares a questão da globalização, sinalizando o fato de que, ao menos em tese, em lugar algum do planeta haverá a possibilidade de nos isolarmos uns dos outros. Segundo algumas concepções vigentes, tudo (?) o que acontece no ponto mais remoto do pequeno corpo celeste que habitamos acabaria sendo divulgado e conhecido instantaneamente, *urbi et orbi*, gerando rápida superposição de hábitos. De modo paralelo, intensificaram-se os debates em torno da noção de diversidade, seja ecológica, seja cultural, embora a cada dia mais e mais espécies da flora e da fauna estejam com a sobrevivência ameaçada pelo avanço desenfreado do que se convencionou rotular de *progresso*. Este espaço não comporta (nem é esse o propósito do presente texto) que discutamos os diversos critérios sob os quais eventos de interesse jornalístico são veiculados pelas mídias impressa e/ou eletrônica mundo afora; os efeitos diversificados da globalização nos mais variados segmentos da vida cotidiana; as noções, por vezes divergentes, de diversidade cultural ou, ainda, o real significado da idéia de progresso. Ao contrário: o foco fundamental é refletir a respeito das línguas minoritárias do Velho Continente, muitas delas ameaçadas de desaparecimento.

Estima-se que hoje existam cerca de 6.700 línguas no mundo, muitas delas ainda pouco conhecidas ou pesquisadas. Pouco mais de um milhar desses idiomas tem registro escrito; os demais são simplesmente utilizados de modo oral, o que os torna muito mais fragilizados na medida em que não estão deixando vestígio registrado e capaz de ser recuperado. Trata-se de valioso patrimônio cultural da humanidade, porque, em última instância, estamos falando de número idêntico de comunidades com história e identidade próprias e, de outro

lado, 6.700 maneiras de *ver o mundo*.

Em pleno coração da Europa, há menos de três décadas foi sepultada uma língua da família indo-européia, o celta da ilha de Manx, na Grã-Bretanha: o último falante faleceu em 1974, e com ele perdeu-se o elo com esse idioma, esse grupo social, lingüístico e cultural. Portanto, a *morte* das línguas ronda nossa civilização como fato consumado. Mas não é simplesmente o desaparecimento físico de um falante o responsável pela extinção das línguas: estamos falando de um complexo processo sociolingüístico em que uma língua com maior prestígio (social, econômico, cultural) acaba sendo adotada por uma comunidade, em detrimento de seu próprio idioma. Já foi assim com os celtas da Gália Romana, há quase dois milênios, que simplesmente acabaram abandonando sua própria língua em favor do latim (1). No Brasil, o *nheengatu* era língua corrente no começo do século XIX em São Paulo, mas cedeu, definitivamente, lugar ao português; hoje restam apenas populações autóctones empregando variedades de tupi-guarani e os topônimos da cidade, do estado e do país refletindo, de modo inequívoco, inclusive as linhas divisórias, as isoglossas, entre os falares do tupi e os do guarani.

Nos dias de hoje, talvez mais do que nunca, vale a pena lembrar um ditado irônico que foi comum na Europa, outrora, para explicar o que diferencia uma língua de um dialeto: *uma língua é um dialeto dotado de Forças Armadas e um banco na retaguarda*. Pressões político-econômicas fazem línguas e dialetos recuarem velozmente diante de línguas de prestígio, além do fato de países e/ou governos, muitas vezes, empregarem a língua-padrão como forma de aculturação – por vezes forçada – de populações inteiras. Ou seja, no lugar da diversidade, a tentativa de impor uma pretensa uniformidade. Em época muito recente, foi assim no Timor Leste, onde a população, se não resistisse com vigor diante da força, em vez do português, teria adotado o bahasa indonésio como língua oficial; afinal, durante 25 anos de ocupação comandada pelo governo de Jacarta, o

1 Henriette Walter, *L'Aventure des Langues en Occident*, Paris, Éd. Robert Laffont, 1994, pp. 266 e segs.

idioma de Camões foi proibido e as escolas foram obrigadas a empregar o indonésio. Na ilha de Jersey, no Canal da Mancha, território britânico, os habitantes estão abandonando, aos poucos, sua língua românica – pouco compreensível aos falantes do francês-padrão ou outras línguas e dialetos românicos da França – para se tornarem monolíngües em inglês.

Não resta dúvida quanto ao fato de que o debate, até mesmo intenso, a respeito das linhas (por vezes instáveis) que separam um dialeto de uma língua envolve uma longa série de questões científicas, mas também sociais, políticas e ideológicas. A *identidade* de um grupo sociolingüístico-cultural não pode, em última instância, ser imposta ou determinada de fora para dentro. Assim, ainda que por vezes inexista suficiente número de traços fonológicos, morfológicos ou sintáticos distintivos entre determinados falares de um grupo lingüístico para transformá-los em línguas diferentes, razões culturais, políticas e ideológicas podem criar o fosso necessário para o surgimento de uma língua autônoma, independente. Na verdade, esse foi o caso do macedônio moderno, língua eslava falada no sul da Península Balcânica, extremamente próxima aos falares do búlgaro e do serbo-croata, que acabou sendo normatizado em 1944 como idioma literário, depois de séculos de lutas pela independência política da Macedônia e de longa discussão teórica a respeito não das similaridades entre os falares macedônios, búlgaros e serbo-croatas, mas em torno das diferenças. Não tem sido diferente, na última década do século XX, o aprofundamento das diferenças entre as normas literárias do croata e do sérvio (por razões políticas), embora os falantes de ambas as variedades consigam entender-se sem dificuldade alguma. A esse respeito, cabe lembrar que nos locais em que têm havido “freqüentes mudanças de fronteiras políticas ou em que as principais vias de comércio e comunicação cruzam as fronteiras políticas, o que se considera como dialeto de uma língua pode, de modo mais ou menos imperceptível, fundir-se com o dialeto de outra língua” (2).

Lyons afirma, com muita propriedade:

“O estudo intensivo da história das línguas clássicas e modernas da Europa tornou bem claro que os vários dialetos regionais, longe de serem versões imperfeitas e deformadas das línguas literárias padrão – como freqüentemente se julgava –, haviam evoluído de modo mais ou menos independente. Não eram menos sistemáticos – tinham suas próprias regularidades de estrutura gramatical, de pronúncia e de vocabulário – e não eram menos adequados, como instrumento para comunicação nos contextos em que eram usados. Com efeito, ficou claro que as diferenças entre línguas e dialetos estreitamente aparentados são, em sua grande maioria, políticas e culturais, ao invés de lingüísticas” (3).

Uma questão funcional – a existência, ou não, de forma escrita de uma língua – pode ser decisiva para determinar o avanço ou recuo de um idioma frente a outro dentro de uma comunidade plurilingüe. Em verdade, a ausência de norma escrita, trabalho intelectual constante, publicações, uso cotidiano nas mídias impressa e eletrônica, impede o enriquecimento lexical necessário para empregar um idioma nas mais diversas, e complexas, instâncias das sociedades industrializadas. Por isso mesmo, línguas que, tenham ou não forma escrita, acabam sendo empregadas basicamente no âmbito doméstico recebem, não por acaso, o nome técnico de *kitchen languages* e, muitas vezes, têm o destino traçado: tendem a perder falantes de modo progressivo em favor de um idioma de maior prestígio socioeconômico. O reto-românico, falado nos Grisões, na Suíça, talvez tenha maiores oportunidades de sobreviver como idioma falado e escrito a partir da criação da Lia Rumantsch (Liga Romancha), cujo objetivo é fixar uma única variedade escrita para os inúmeros falares. Forçar o renascimento de uma literatura em vêneto (que foi empregado como idioma literário até o século XVIII) é o trabalho levado a cabo sobretudo em Treviso, no nordeste italiano, para reafirmar a identidade lingüística e cultural fren-

2 John Lyons, *Introdução à Lingüística Teórica*, tradução de Rosa Virgínia de Mattos e Silva e Hélio Pimentel, revisão e supervisão de Isaac N. Salum, São Paulo, Nacional/Edusp, 1979, pp. 34-5.

3 Idem, *ibidem*, p. 35.

te ao toscano, língua-padrão e oficial.

A Europa, em grande parte abastada e sem analfabetos, possui hoje muitas dezenas de línguas minoritárias ameaçadas devido ao avanço de idiomas majoritários, a despeito do fato de que em muitos países a forte identidade cultural dos falantes, ainda que em correlação numérica desfavorável, opõe férrea resistência à língua oficial. Se nos ativermos ao território compreendido entre Portugal e uma imaginária linha que passe, no sentido vertical, por Moscou, estaremos, por certo, restringindo o conceito geográfico pelo qual a personagem mitológica grega designa o Velho Continente. Afinal, serão excluídos países do Cáucaso, como a Armênia e a Geórgia, e as vastas extensões ucranianas e russas. Mas, para os objetivos do presente texto, estaremos operando no espaço situado entre a costa atlântica lusitana e a capital russa. E, ainda assim, a despeito da restrição espacial, há um elevado número de línguas minoritárias em processo de recuo progressivo. Com certeza, o caso mais dramático seja o do livônio, língua da família fino-ugriana (aparentada, portanto, com o estoniano, o finlandês, o kareliano, o húngaro...) falada na Letônia em algumas aldeias ao redor da cidade de Kurzeme: em 1995 não havia mais que 15 ou 20 falantes e, talvez, 1.500 pessoas tivessem “certo conhecimento” do idioma (4). As línguas da família indo-européia ameaçadas de desaparecimento, rápido ou vagaroso, são mais numerosas: em

primeiro lugar, as românicas, depois algumas dos grupos celta, eslavo e germânico. Mas, pelo menos dez idiomas da família fino-ugriana podem desaparecer do cenário em pouco tempo, devido ao simples fato de que cada vez possuem menos falantes.

O conceito de *língua minoritária* pode ser também polissêmico, na exata medida em que existem diferenças muitas vezes profundas na situação em que falantes e falares se encontram no interior de um determinado país. Ora uma língua acaba sendo considerada minoritária pelo simples fato de que seus falantes são, de fato, muito menos numerosos do que os da língua-padrão (é o caso do basco no sul da França, por exemplo), ora porque é tratada como tal, ou seja, sem que lhe seja reconhecido o *status* de igualdade em relação à língua majoritária (é o caso de línguas como o grego ou o macedônio dentro da Albânia). Decisões de caráter político podem, portanto, impedir ou, ao contrário, ajudar uma língua minoritária a manter-se. Numa Europa (ou em qualquer outro lugar do mundo) que pretende unificar-se, passo a passo, incluindo também os países centro-orientais, o desaparecimento de grupos linguísticos representa perda múltipla. E significa, em última instância, que um outro idioma, considerado como língua de maior prestígio social, econômico, político ou histórico, acaba sendo imposto ou se impondo aos grupos minoritários, fato que conduz a uma espécie de nivelamento e esvaziamento da riqueza cultural, não-reconhecimento da diferença enquanto traço positivo.

RECUO FINO-UGRIANO

Dentre os povos de língua fino-ugriana, somente três possuem Estado dentro da Europa: húngaros, finlandeses e estonianos. Os demais estão espalhados ou no extremo norte do continente ou ao longo das extensas dimensões da Rússia, inclusive na Sibéria. É curioso notar que os idiomas do grupo ugriano estruturalmente mais próxi-

4 Barbara F. Grimes, *Ethnologue*, Austin, Summer Institut of Languages, 1996, passim.



mos do húngaro – falado em plena Europa Central – são o khanti e o manchi (mais conhecidos como vogul e ostíaco), cujos (poucos) falantes vivem ao longo do curso do Rio Ob, na Sibéria (5). Pelo menos dez línguas da família fino-ugriana são minoritárias, vivem em constante recuo diante de outros idiomas e estão ameaçadas. O exemplo mais agudo já foi mencionado, o livônio. Exceção feita ao saami, cujo pejorativo corrente é o termo lapão, espalhado ao longo da extremidade ártica da Noruega, Suécia, Finlândia e na região russa ao redor de Murmansk, todas as demais línguas desta família são faladas na Rússia.

A situação do saami é extremamente dramática: fragmentado em inúmeros dialetos, pequenos grupos de falantes sobrevivem em regiões inóspitas e muito distantes uma da outra e, cada vez mais, um número menor de pessoas acaba adquirindo o saami como língua materna. Na Suécia, não são mais do que 10 mil falantes das inúmeras variedades de saami, espalhados em pequenos grupos isolados. Assim, o dialeto *lule* deve ser falado por não mais de 2 mil pessoas; o setentrional, por 5 mil; o meridional, por 2.500; o dialeto de Pite, por mil falantes e, por fim, cerca de 500 pessoas devem ter controle ativo do dialeto *ume*, centrado em torno do fluxo do Rio Ume. Na Noruega, são 29.500 falantes em média, divididos em cinco grupos dialetais: 17 mil, ativos no dialeto *lule*, em Tysfjord, Hamaroy e Folden; 10 mil falantes do dialeto setentrional, entre Finnmark, Troms, Nordland e Ofoten; número desconhecido de usuários do dialeto *pite*, nas localidades de Saltenfjord e Ranenfjord; 2.500, na variedade *sör-lapska*, entre Hatfjelldal e Wefsen; e número desconhecido, do dialeto *ume*, entre o Círculo Polar Ártico e 66 graus de latitude sudeste, na direção de Mo e Rana. Na Finlândia, são 6.100 falantes, a saber, 4 mil do dialeto *inari*, entre o Lago Inari e a fronteira sueca; 1.600 do dialeto setentrional, em Utsjoki, Enontekio e Sodankyla, e apenas 500 falantes do dialeto *koltta*, a nordeste de Inari Saami. Na Rússia, são falados os dialetos saami denominados *akkala*, *kildin* e *tier*, todos con-



centrados na província de Murmansk. Os falantes de *akkala* não devem somar mais que 8 ou 10 pessoas, ao passo que apenas outras 50 devem possuir conhecimento ativo. A variedade *kildin* não totaliza mais que 50 falantes, cabendo sublinhar o fato de que o censo lingüístico de 1989 acusava 797 pessoas capazes de entendê-lo; a variedade *tier* também deve ser falada/compreendida por poucas dezenas de pessoas.

Encontram-se, por outro lado, na Rússia as demais línguas da família fino-ugriana ameaçadas de desaparecimento. A situação mais preocupante certamente é a da língua vod (*vódski iazyk*, em russo), com 25 falantes registrados em 1979, todos na área de Petersburgo. O veps, conhecido em russo como *tchúdski iazyk*, não possui mais de 2.300 falantes, também espalhados nas cercanias de Petersburgo e na região de Vologdá. O lívio (*oloniétzki*, em russo) tem cerca de 80 mil falantes, na Karélia. Já o kareliano contaria ainda com 182 mil falantes, sendo 172 mil na Rússia (Kalinin, Petersburgo, Murmansk) e 10 mil na Finlândia. O íngrio (*ijórski iazyk*, em russo), falado nas cercanias de Petersburgo, contabilizava, em 1989, cerca de 302 falantes ativos e entre 10 e 15 mil pessoas capazes de compreender e/ou usar a língua.

Cabe notar, no entanto, que duas variedades distintas de húngaro também vivem sob a ameaça do desaparecimento: uma, falada por não mais de 20 mil pessoas na Áustria oriental, e outra, o dialeto *csángó*,

5 V. I. Lytkin, K. E. Maitfinskaia & Károly Rédei (eds.), *Osnóvy fino-ugórskovo iazykoznanía (mariíski, pérmskie i ugórskie iazyki)*, Moskvá, Izd-vo Naúka, 1976, passim.

encravado na Moldávia e falado por número desconhecido de pessoas. Duas particularidades devem ser ressaltadas: no caso austríaco, a intercompreensibilidade com o húngaro-padrão é relativamente baixa; na Moldávia, trata-se de um falar muito específico, com fundo lexical em grande parte incompreensível para os falantes da norma culta (6).

No interior da família fino-ugriana, que compreende elevado número de idiomas mas pequeno total de falantes, existem, na Sibéria, outras tantas línguas ameaçadas de extinção pura e simples. Línguas como o nienets ou éniets, faladas no extremo nordeste, contam hoje com pouquíssimos falantes. E, na verdade, estrutura e fundo lexical desses idiomas têm servido para estudos comparados em duas direções muito distintas: de um lado, para se buscar a compreensão do grau de parentesco, similaridade, existente entre línguas e culturas fino-ugrianas e, talvez, uralo-altaicas; de outro, para estabelecer o grau de proximidade estrutural entre as línguas indoeuropéias e as fino-ugrianas, tema que vem ganhando terreno nas últimas décadas entre muitos lingüistas europeus.

ESLAVOS SOB PRESSÃO

Pelo menos cinco variedades de línguas eslavas também vivem sob a constante pressão resultante de um possível desaparecimento a médio prazo, por absoluta falta de falantes capazes de empregá-las nas mais diversas situações do cotidiano. O sorábio, falado na Alemanha entre as localidades de Cottbus e Lausitz, fundamentalmente consiste de dois grupos de dialetos (sorábio do norte e sorábio do sul), com um total aproximado de 70 mil falantes, quase todos situados em áreas rurais. Embora reconhecido como língua minoritária, vem perdendo terreno diante do alemão (7). Existem muitos registros e estudos, desenvolvidos sobretudo na época em que essa região constituía a chamada Alemanha Oriental, mas as formas de bilingüismo parecem cada

vez menos simétricas, o que significa progressiva substituição do sorábio pelo alemão em quase todos os contextos comunicativos.

Duas variedades da língua que pode, ainda, ser denominada de serbo-croata (a despeito do fato de haver pelo menos duas normas literárias que, em virtude dos acontecimentos políticos da última década, tendem a distanciar-se) devem ser consideradas ameaçadas: a primeira, falada por cerca de 25 mil pessoas no Burgenland austríaco, vem refluindo de maneira sistemática, ano após ano. Vale a pena notar o fato de que se trata de um falar bastante distinto das demais variedades, faladas hoje na Croácia, Bósnia, Iugoslávia, Macedônia e cerca de 80 mil pessoas, na Romênia. A segunda, conhecida como *croata de Molise*, na província italiana do mesmo nome, é uma variedade de serbo-croata transplantada para a Península Itálica entre os séculos XV e XVI, quando as populações eslavas dos Bálcãs fugiam diante da invasão otomana. Portanto, trata-se de um estado de língua inclusive anterior a diversas mutações morfossintáticas e fonológicas que os diversos falares do serbo-croata sofreram em território balcânico nos últimos quatrocentos anos. Existem poucos dados disponíveis a respeito do total de falantes dessa variedade de língua eslava na província de Molise, mas tudo indica um refluxo diante dos falares românicos locais e diante do toscano, o italiano-padrão.

O cachubiano, encravado em Gdansk e Gdynia, na Polônia, não deve ter mais do que 200 mil falantes, todos bilíngües (cachubiano-polonês), com a agravante de que ambos os idiomas são muito próximos sob os pontos de vista genético e tipológico e com grande proximidade nos planos fonológico e morfossintático. Já o ruteno é um caso singular: tem sido considerado tanto dialeto do ucraniano quanto do eslovaco, sem realmente sê-lo. É falado por menos de 100 mil pessoas na região transcarpática da Ucrânia, provavelmente em algumas áreas do norte da Romênia e na parte leste da Eslováquia, onde a maioria já teria sido assimilada pelo eslovaco (8). De

6 Gyula Márton, *A moldvai csángó nyelvjárás román kölcsönzavai*, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1969, passim.

7 Siegfried Michalk, "Deutsch und Sorbisch in der Lausitz", in *Germanische Linguistik* 101-103, 1990, pp. 427-44.

8 Günther Spiess, *Zur gegenwertigen Situation des Rusinischen*. Stuttgart, Robert Hinderling, 1986, passim.

outro lado, embora seja pouco pesquisado o estado dessa língua, existem indícios no sentido de que o léxico teria sofrido forte influência do russo e do ucraniano, respectivamente. Na verdade, todos esses grupos de eslavos, cujas variedades lingüísticas estão sob ameaça real, não dispõem de organização estatal própria e constituem reais minorias nos países em que vivem.

OCASO CELTA

As línguas celtas ocuparam outrora desconhecida extensão no território europeu. Antes mesmo que Júlio César guerreasse contra os gauleses no espaço hoje representado, grosso modo, pela França e Bélgica, povos celtas estiveram presentes nas penínsulas Itálica, Balcânica e Ibérica, na Europa Central, etc. (9). Ao longo dos séculos, os celtas da Gália abandonaram sua língua materna em favor do latim e, gradativamente, foi ocorrendo grande recuo dessas línguas. Fenômeno similar ocorreu nas ilhas britânicas, onde os falantes de línguas celtas acabaram confinados aos extremos ocidentais pelos invasores anglos, saxões, normandos. Hoje, em verdade, todas as línguas do grupo celta ostentam número decrescente de falantes, a despeito de movimentos de revitalização do uso literário e do ensino. Assim, das seis línguas celtas, cinco estão localizadas nas ilhas britânicas e uma em território francês. O bretão (*brezhoneg*), falado na Bretanha francesa, tem cerca de 500 mil falantes ativos e cerca de 1,2 milhão de pessoas deve ter conhecimento do idioma. Todavia, mais de 420 mil falantes ativos têm idade entre 25 e 64 anos e 170 mil, acima de 65, o que sinaliza perda progressiva de terreno frente ao francês. Na Grã-Bretanha, duas línguas celtas tiveram, há muito, o destino selado: o cornuês, em Cornwall, que devia reunir não mais de 150 falantes, em 1990, que o aprenderam como língua estrangeira em idade adulta, foi extinto como língua materna em 1777; o gaélico da Ilha de Manx desapareceu, enquanto primeira língua, com o último falante, morto em 1974; resta também um

grupo de 200 a 300 pessoas que aprenderam o idioma, em idade adulta, como língua estrangeira.

O gaélico da Escócia, falado em Ross e nas Ilhas Hébridas e Skye, em 1971, reúne cerca de 88 mil falantes. A maior parte dos 260 mil falantes do irlandês (*erse*) localiza-se na República da Irlanda; na Irlanda do Norte, província britânica, o idioma é falado em poucos e isolados locais.

O galês (*cymraeg*), do País de Gales, tem o maior número de falantes entre as línguas celtas das ilhas britânicas: 570 mil, sendo mais de 30 mil monolíngües, que conseguiram resistir frente ao inglês. Existe um movimento de revitalização e vale a pena lembrar o curioso fato de que muitos descendentes de emigrantes galeses vivem no sul da Argentina, cultivando a língua de seus antepassados. Todavia, torna-se quase melancólico estabelecer um termo de comparação entre a situação das línguas celtas no início da era vulgar – quando estavam espalhadas ao longo de imensas extensões da Europa – e a de hoje, dois mil anos depois, porque estão todas confinadas ao extremo ocidental do Velho Continente, reduzidas a grupos muito pequenos de falantes.

PROBLEMAS GERMÂNICOS

Entre as línguas germânicas, com certeza os falantes do faroês vivem a situação mais delicada: são apenas 47 mil pessoas, que vivem nas Ilhas Faroer, na Dinamarca. Embora tenham administração autônoma e sua língua seja reconhecida, são muito pouco numerosos (10). De outro lado, o bilingüismo – necessário – faroês-dinamarquês sinaliza, a médio prazo, crescente predomínio da língua majoritária e oficial do país.

Outra língua germânica, pertencente ao grupo escandinavo, em situação certamente ameaçada é o jutlandês, falado por total desconhecido de pessoas na fronteira germano-dinamarquesa (Jutlândia). Seus dialetos ocidentais e meridionais são praticamente incompreensíveis para os falantes do dinamar-

9 Henriette Walter, *L'Aventure des Langues en Occident*, op. cit.

10 Bernard Comrie, Stephen Matthews & Maria Polinsky, *The Atlas of Languages. The Origin and Development of Languages Throughout the World*. New York, Quarto Inc., 1996, passim.

quês. O baixo-alemão (*plattdeutsch*), falado numa região compreendida entre Aachen e Wittenberg, oferece uma dificuldade à pesquisa: não se sabe ao certo quantos são os seus falantes. É interessante notar que o *plattdeutsch* não experimentou a chamada segunda mutação consonantal dos séculos VIII e IX.

Na fronteira entre Alemanha e Países Baixos e entre estes e a Dinamarca fala-se frisio (ou frisão), idioma germânico situado no limite da intercompreensão entre o inglês e o neerlandês. São cerca de 700 mil falantes. As variantes ocidentais do frisão dos Países Baixos são incompreensíveis para os falantes que vivem na Alemanha. Existe um claro bilinguismo neerlandês-frisão, em detrimento evidente da língua minoritária, que vai sendo comprimida entre duas línguas-padrão mais potentes.

Um descendente direto do antigo saxão, a língua falada na Alemanha e Países Baixos, é conhecida como *Niedersaechsisch* e não se sabe exatamente quantas pessoas são falantes ativos e quantas apenas o compreendem. Existem estimativas no sentido de que mais de 1,5 milhão de pessoas sejam capazes de entender o saxão nos Países Baixos e cerca de 10 milhões, na Alemanha. Embora neste país seja reconhecido como *língua regional* em oito estados, existe também o problema da influência lexical que vem sofrendo do alemão-padrão, do neerlandês e do próprio frisão. A exemplo do jutlandês, necessita de muita pesquisa.

Itália; em outros, embora sejam claras as diferenças sociais, culturais e lingüísticas, simplesmente inexistente o reconhecimento, a chancela de uma política lingüística capaz de contemplar aquilo que é distinto.

Dois línguas românicas beiram o completo desaparecimento nesta virada de século: trata-se do istriota e do istro-romeno, ambos engolfados por uma língua eslava, o serbo-croata. O istriota ainda deve conservar cerca de mil falantes, na Ístria ocidental (Croácia), nas localidades de Rovinj e Vodnjan. Existe pouca pesquisa a respeito e, em alguns casos, o istriota acaba sendo confundido com o istro-romeno, embora seja diferente dele e mais próximo ao friulano. Já o istro-romeno pode ainda ter cerca de 500 falantes, na região nordeste da Ístria (Croácia), na localidade de Zejane; trata-se de língua que precisa ser pesquisada sobretudo face à situação crítica em que se encontra. Por outro lado, não se sabe ao certo em que medida séculos e mais séculos de convivência com falares eslavos alteraram estrutura e léxico de ambos os idiomas românicos. Já o arromeno – diferente do istro-romeno e do próprio romeno – cristaliza-se como a constelação de cerca de 150 mil falantes, isolados entre si, espalhados em diversos países do sudeste europeu, enfrentando, muitas vezes, situação bastante adversa à conservação de seu idioma; estima-se que sejam 50 mil na Grécia; 10 mil na Albânia; 40 mil na Bulgária e 50 mil na Macedônia.

COMPLEXIDADE ROMÂNICA

Se as línguas minoritárias fino-ugrianas da Europa apresentam o quadro mais grave em função do sempre decrescente número de falantes, as românicas, com certeza, representam o caso mais complexo, polêmico e difícil, mas que remete, de modo direto, às observações iniciais referentes às linhas que separam uma língua de um dialeto. Além das diferenças sociais e culturais evidentes, existem, em muitos casos, consideráveis diferenças lingüísticas, como é o caso da



O sardo, falado na Ilha da Sardenha, Itália, totaliza cerca de 1,5 milhão de falantes e ainda assim pode ser considerado língua minoritária na medida em que o bilingüismo sardo-italiano é quase absoluto e o predomínio do italiano pode prevalecer a médio prazo. São cinco grupos dialetais na Sardenha: *galluresu* ao norte, *tattaresu* a noroeste, *logudoresu* no centro da ilha, *nugoresu* a nordeste e *campidanesu* no centro e ao sul. É interessante verificar as características morfológicas do sardo, através de um trecho do “Pai Nosso” no dialeto *logudoresu*: “*Babbu nostru k’istas in sos kelos, santificatu siat su nòmene tou, benzat a nois su regnu tou e fatta siat sa voluntade tua comente in su kelu gai in sa terra*”. Outra língua românica isolada geograficamente é o corso, na ilha da Córsega: são cerca de 280 mil falantes, nem todos bilíngües em corso-francês. Os dialetos do sul da ilha têm traços estruturais próximos aos falares *galluresu* do norte da Sardenha.

O provençal, na província francesa da Provença, tem cerca de 250 mil falantes, a maioria esmagadora de bilíngües em relação ao francês, e desde a Idade Média existem testemunhos escritos desse idioma, sobretudo em poesia. Portanto, não há controvérsia a respeito do *status* do provençal, ou seja, inexistente polémica para saber se se trata de língua ou dialeto. Situação muito distinta enfrenta o valão, na Bélgica: trata-se de um falar galo-romano (ou oïl, como é o caso do francês-padrão). São cerca de 300

mil falantes, distribuídos sobretudo nas províncias belgas de Liège, Namur e o Brabant valão e em franjas fronteiriças com a França e o Luxemburgo. Existe um forte movimento regional para que o valão seja reconhecido como língua românica independente. Uma rápida vista d’olhos na estrutura do valão talvez possa reforçar a idéia de que se trata realmente de uma outra língua românica. Por exemplo: o artigo definido, singular, é o mesmo para palavras dos gêneros masculino e feminino – *li vweture* (a viatura, feminino) e *li cir* (o céu, masculino); um único possessivo incide também sobre palavras masculinas e femininas (*si cwär*, o corpo dele/dela e *si fignesse*, a janela dele/dela). Na sintaxe, a influência germânica é bastante visível: *ene blanke mājhon* (uma casa branca) ou o enunciado *Cwè-çki c’est di çapo ene fleur?* (basta comparar com o equivalente alemão *Was ist das für eine Blume?*). O valão enfrenta, portanto, entre outros, o problema do bilingüismo corrente com o francês, que o torna vulnerável, a despeito da forte identidade cultural dos falantes.

O friulano, falado sobretudo no nordeste da Itália, em algumas regiões da Eslovênia e no sul da Suíça, reúne um universo de falantes estimado em 600 mil pessoas. Esta língua, relativamente próxima ao italiano, não enfrenta tantas dificuldades para ser reconhecida como idioma românico independente quanto os chamados *dialeto*s da Península Itálica. Pelo menos sete línguas (sempre classificadas como simples dialetos) itálicas podem ser arroladas: três falares galo-romanos (portanto, estruturalmente próximos às línguas d’oïl, da França e Bélgica), ou seja, o lígure, o lombardo e o piemontês. O lígure, com quase 2 milhões de falantes, está concentrado na Ligúria; o piemontês, basicamente falado no Piemonte, tem 3 milhões de falantes; o lombardo, com 8,5 milhões de falantes, está concentrado na Lombardia e também enfrenta a controvérsia referente a seu *status* de língua ou dialeto. Mas em todos os casos existe bilingüismo total com o italiano-padrão, o toscano. Depois vem o caso dos falares napolitano-calabreses, da Campânia



e Calábria, com 7 milhões de falantes, o siciliano, com 4,5 milhões, que tampouco são inteligíveis com o italiano-padrão, e o emílio-romanholo (na Emilia-Romagna). Por fim, o vêneto, com 2,5 milhões de falantes, no nordeste italiano, língua literária até o século XVII e que hoje experimenta forte renascimento como idioma escrito.

Na Península Ibérica, existe quadro similar dentro da Espanha, onde três línguas românicas são efetivamente reconhecidas, ou seja, o castelhano, o catalão e o galego. Mas o aragonês, com 11 mil falantes, 500 dos quais ainda monolíngües, entre os Pirineus e Navarra, reivindica a condição de ser reconhecido como língua. A *Ligallo de Fablans de l' Aragonés* (Liga dos Falantes de Aragonês), de Zaragoza, e o *Consello d' a Fabla Aragonesa* (Conselho da Língua Aragonesa), de Uesca, estão à frente do movimento. O asturiano, na província de Astúrias (exceto na parte ocidental, onde predomina o galego), com mais de 100 mil falantes, possui literatura desde o século XVIII e, a despeito dos 80% de inteligibilidade com o castelhano, é diferente dele, do galego e do catalão. Já o extremenho, na Extremadura, falado por cerca de 200 mil pessoas, encontra-se sobre similar encruzilhada: trata-se de língua ou dialeto? Por outro lado, os quase 11 mil falantes da *fala de Xálima*, na fronteira hispano-lusitana, no Val de Xálima e norte da Extremadura, não se reconhecem como galegos ou falantes dessa língua, embora exista forte grau

de intercompreensão entre ambos os idiomas. Por fim, o aranês (ou gascão), com cerca de 250 mil falantes (5 mil na Espanha, os demais na França), está encravado nos vales do Rio Garona, na Catalunha e no sudoeste da França. Tem ortografia própria reconhecida na Espanha e, desde 1984, vem sendo ensinado nas escolas espanholas ao lado do castelhano. Existe até uma revista mensal – *Toti* – publicada em aranês.

ILHAS LINGÜÍSTICAS

Existem também casos de línguas indoeuropeias isoladas, que não podem ser enquadradas nas famílias já mencionadas acima, em situação minoritária e ameaçadas de eventual extinção. O *arbëreshë*, variedade de albanês do século XV, transplantado por mercenários ou grupos de população cristã que fugia ao avanço otomano na Península Balcânica, pode ser encontrado no sul da Calábria, na Sicília, na Apúlia, Basilicata e Molise. São cerca de 100 mil falantes, situados sobretudo em áreas rurais, provavelmente distribuídos em quatro grupos dialetais intercompreensíveis. Cabe notar que as pesquisas existentes indicam 45% de similaridade lexical entre o *arbëreshë* e o tosk, um dos dois grandes dialetos em que o albanês se divide. Os falantes dominam, muitas vezes, falares românicos locais e o italiano-padrão. Ainda que tenha sobrevivido por cinco séculos, as condições de sobrevivência de uma língua minoritária distribuída em verdadeiras ilhas de falantes podem tornar-se muito precárias. Também a variedade de albanês falada na Ática (Grécia), denominada de *arvanitika*, um dialeto tosk, está seriamente ameaçada de extinção, porque se estima a existência de 50 mil falantes ativos, no máximo; a influência do grego, porém, é acentuada, sobretudo no léxico. Cabe mencionar o grego italiota, falado em Taranto e Reggio di Calabria, por não muito mais que 20 mil pessoas; trata-se de um estado de língua muito arcaico, influenciado pelos falares românicos locais e pelo italiano-padrão. Uma variedade de língua turca, o

gascão
tosk
veneto
asturiano

gagauz – falado na Moldávia, Ucrânia, Bulgária, Romênia e Macedônia –, encontra-se em situação muito fragmentada. Estima-se que na Moldávia exista concentração maior de falantes (mais de 100 mil), alguns milhares na Ucrânia, cerca de 12 mil em Varna e arredores, na Bulgária, cerca de 4 mil na Macedônia e poucos milhares na faixa fronteiriça romeno-búlgara. Em todas as áreas, vem sofrendo forte influência das línguas vizinhas. Não se pode deixar de citar o caso do ídiche, uma língua germânica derivada do baixo alemão, empregada pelos judeus askenazitas, com farta literatura, mas cuja variedade oral corre risco de desaparecer. Hoje, o maior número de pessoas capazes de comunicar-se nesse idioma encontra-se nos Estados Unidos; talvez 200 mil estejam em Israel. Segundo o censo soviético de 1989, cerca de 153 mil falantes de ídiche teriam sobrevivido, espalhados entre a Belarus e Ucrânia (hoje países independentes) e diversas regiões da Rússia. Também o ladino, língua ibero-românica empregada sobretudo pelos judeus sefarditas, corre o risco de desaparecer: trata-se de idioma não-dominante, cujos falantes têm geralmente mais de 40 anos. Cem mil devem estar em Israel, cerca de 8 mil na Turquia, e pequenas ilhas ainda sobrevivem na Grécia e no Marrocos.

FUTURO INCERTO

Como havíamos observado no início do texto, a questão das línguas minoritárias e a diferenciação entre línguas e dialetos é tema bastante complexo (talvez por isso mesmo apaixonante e desafiador...), mas extremamente importante. Num mundo em veloz e constante mutação, com grandes deslocamentos de população em decorrência de crises políticas, sociais e econômicas, determinadas correlações entre mudanças sociais e lingüísticas têm afetado, inclusive, países de grande extensão territorial. É o caso dos Estados Unidos, onde o castelhano tornou-se a segunda língua mais empregada, provocando certo recuo (talvez inimaginável há meio século) do in-

glês. Ao mesmo tempo, a variedade de espanhol falado nos Estados Unidos vem sofrendo, ao mesmo tempo, influência morfolexical do próprio inglês. Em princípio, tudo indica que o perigo da *pasteurização* ronde também a riqueza da variedade lingüística do mundo. Tudo sinaliza que as línguas minoritárias estejam sofrendo, a cada dia, mais e mais pressão de línguas oficiais, de idiomas com maior prestígio socioeconômico e/ou cultural. É o caso de perguntar-se: as muitas centenas de línguas (inclusive muito diferentes entre si) de Papua-Nova Guiné conseguirão sobreviver mais um século ou serão simplesmente tragadas por outro idioma dominante, cujo emprego oferece muito mais chances de integração socioeconômica? O impacto (negativo, óbvio) do desaparecimento progressivo de línguas e culturas é tão sério que até mesmo as Nações Unidas, através da Unesco, vêm dedicando atenção especial ao caso, num trabalho coordenado pelo lingüista finlandês Tapani Salminen, cujo relatório do período compreendido entre 1993-96 faz a listagem assustadora de centenas e centenas de idiomas condenados a uma extinção pura e simples. O breve cenário apresentado aqui condensa, apenas, a situação da Europa no espaço que delimitamos; se incluíssemos o continente inteiro, o quadro seria bem maior. E para a discussão da situação nos outros quatro continentes é preciso buscar muito mais tempo e espaço. Vale a pena, no entanto, refletir a respeito.



ladino
gagauz
ídiche